

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Tadeu Carlos Mendes Junior

**UMA ANÁLISE DO MITO DA CRIAÇÃO NÓRDICO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Volney J. Berkenbrock.

Juiz de Fora  
2017

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Tadeu Carlos Mendes Junior**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473063A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **UMA ANÁLISE DO MITO DA CRIAÇÃO NÓRDICO**, desenvolvido durante o período de 15/04/2017 a 20/06/2017 sob a orientação de Volney J. Berkenbrock, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo o presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**TADEU CARLOS MENDES JUNIOR**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de (  ) 1 ano, ou (  ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

# UMA ANÁLISE DO MITO DA CRIAÇÃO NÓRDICO

Tadeu Carlos Mendes Junior <sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade fazer uma análise do mito da criação nórdico elencando alguns pontos principais, como a origem do mundo, a origem dos deuses, a criação do mundo organizado e a criação do homem, através de uma abordagem fenomenológica e fazendo uso de uma metodologia comparativa entre diversas religiões, tendo como base de comparação o cristianismo. As fontes do relato mitológico utilizadas para esse trabalho foram as Eddas, a Edda em Prosa de autoria de Snorri Sturluson<sup>2</sup>, e a Edda Poética<sup>3</sup>, por mais que os pontos destacados estejam presentes nos textos já citados, serão abordados com mais profundidade e sob a vista de novas abordagens. O seguinte trabalho possui o objetivo de ser descritivo e explicativo, com a intenção de perceber novos significados no mito cosmogônico nórdico e lançar uma luz sobre os antigos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mitologia nórdica, Mito criacional nórdico, Eddas, Cosmogonia.

## 1. INTRODUÇÃO

O foco deste trabalho tem como objeto de estudo a religião dos antigos povos nórdicos. Trata-se de uma religião não-revelada e que não está associada a uma data de fundação, como afirma Langer, na obra “As Religiões que o mundo esqueceu” (2009, p.154). Da mesma maneira que não possui uma data de origem, a religião nórdica não possui também um livro sagrado (como a Bíblia para os cristãos ou o Alcorão para o islamismo), porém há um conjunto de textos que podem ser considerados como livros sagrados para a religião nórdica, sendo conhecido como as Eddas.

Samael Aun Weor em seu livro “O Matrimônio Perfeito” faz afirmação semelhante: “podemos considerar o Edda alemão como a Bíblia germânica. Neste arcaico livro está contida a sabedoria dos antigos nórdicos” (WEOR, O Matrimônio Perfeito, 1950, (Editora Samael Aun Weor (EDISAW) p.227).

A Edda Poética, assim como a Bíblia, possui diversas passagens de difícil interpretação e significados enigmáticos; esse fato juntamente com a dificuldade de encontrar traduções para a língua portuguesa dos textos originais acaba por tornar a interpretação destes, uma tarefa mais complexa, abrindo margens para diferentes compreensões.

A grande popularização pela qual passou a mitologia nórdica nas últimas décadas é fruto desse caráter variado de interpretações que ela possui, trazendo vários filmes, séries, desenhos e livros que fazem alusão a esta mitologia e seus deuses; Odin, Thor e Loki se tornaram personagens tão famosos quanto o Super-Homem.

Os textos que podemos considerar como base, ou seja, que dão fundamento para entendimento da mitologia e religião nórdica, não estão livres de influências e alterações. Como exemplo, podemos citar a “Edda em Prosa” de Snorri Sturluson, deparando com influências do cristianismo.

O presente trabalho possui como meta apresentar aos leitores os relatos a respeito da criação do mundo de acordo com a visão das narrativas nórdicas presentes nas Eddas com a maior fidelidade possível aos textos originais, com base nas traduções que foram feitas com a mesma finalidade, sendo esta, preservar o máximo possível os termos, como exemplo: a nomenclatura de personagens e localidades, pois em textos de base, explicado anteriormente, como textos de fundamento, é facilmente encontradas alterações nas grafias.

Existem fatores que podem explicar essas diferenças nas nomenclaturas encontradas. Esses fatores são: O complexo dinamismo presente na cultura nórdica, derivado das influências que estes povos receberam através de suas práticas comerciais de intenso fluxo e também há outro fator sendo, a falta de um poder político comum que unificasse os diversos povos e aproximasse as “versões” dos termos para que formassem um único

<sup>1</sup>Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: [tadeuijmendes@gmail.com](mailto:tadeuijmendes@gmail.com) Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Volney J. Berkenbrock.

<sup>2</sup>Foram utilizadas: a tradução em português publicada pela editora Barbudânia, a tradução de Artur Avelar, a tradução livre feita por Marcio A. Moreira disponível no site <http://nibelungsalliance.blogspot.com.br/p/downloads.html>, Acesso em: 10 Abr. 2017.

<sup>3</sup>A Edda Poética é de autoria desconhecida e data do século X- XII compiladas no Códex Regius nº2365, no presente trabalho foi usada uma tradução livre de Tiago Medeiros a partir das obras de H.A. Bellows, A Edda Poética, 1936 e O. Bray edição, D.L. Ashliman A Edda Poética, 1908., tradução disponível em: <http://nibelungsalliance.blogspot.com.br/p/downloads.htm> Acesso em: 10 Abr. 2017.

denominador comum, tornando-se padrão para uso, porém isso não aconteceu devido ao advento do cristianismo quando a fé nos antigos<sup>4</sup> deuses Aesires <sup>5</sup>começou a entrar em declínio em virtude da forte pressão da igreja católica em abolir as práticas pagãs.

Nestas diferentes versões dos relatos mitológicos se encontram os mitos cosmogônicos, que explicam a origem do universo e suas derivações e estão sempre ligados à visão que os povos têm do mundo, servindo como base para as demais narrativas da mesma religião, logo, variações nesse relato geram oscilações nos demais mitos.

Os mitos cosmogônicos têm diferentes funções que serão explicadas a seguir: É usado para justificar atos ou condutas específicas de determinado povo, que ao realizarem tais ações estariam repetindo um feito primevo fundamental para a criação de seu mundo e assim estariam garantindo a sua manutenção. Outra função atribuída aos mitos cosmogônicos é explicar e atribuir significados as posições e localidades de objetos, forças da natureza e astros como o sol e a lua.

Usam-se os mitos também para definir as fronteiras entre os poderes humanos e os poderes divinos. Na Edda em prosa temos acesso a essa distinção de poder humano e poder divino de duas maneiras, primeiro através de uma forma clássica do próprio relato da criação que acaba por definir essas fronteiras como algo natural, e a segunda forma de distinção, ocorrem ao longo da narrativa quando o mito é apresentado através do personagem do rei Gylfi, um rei sábio e poderoso, que quando colocado frente ao poder divino, se torna um exemplo dos limites humanos.

Será feito uma breve explicação dos capítulos utilizados para a elaboração deste trabalho retirados da Edda Poética e a Edda Prosa de Sturluson. Da Edda poética foi utilizado o texto, “Völuspá: A Profecia da Vidente”, nessa narrativa, composta por sessenta e seis versos livres, será apresentada, o mito da criação através de uma feiticeira, conhecida como Volva, que relata os acontecimentos do início do mundo até suas previsões para o futuro, finalizando com a destruição, conhecido como Ragnarök.

Por outro lado, sobre a Edda em prosa, o texto utilizado foi o Gylfaginning (O Engano de Gylfi), que narra à viagem do rei Gylfi até Asgard, com o intuito de saber mais sobre os deuses e a origem de seus poderes, nessa viagem Gylfi encontra com três deuses, e é através do diálogo de Gylfi com esses deuses que Snorri apresenta o mito da criação nórdico em sua obra.

Feitas as considerações iniciais a respeito do tema partiremos agora para o desenvolvimento do trabalho que será composto por três capítulos, seguidos de uma breve conclusão da observação feita sobre esses textos e o relato cosmogônico.

## 2. A ORIGEM DO MUNDO

“Era a manhã do Tempo,  
Quando não havia nada,  
Nem areia, nem mar,  
Nem ondas refrescantes.  
Não havia Terra,  
Nem o céu acima.  
Apenas um fosso,

Mas não havia grama”<sup>6</sup>Sturluson. Edda em Prosa: Gylfaginning e Skáldskaparmál (Locais do Kindle 652-656).

O primeiro ponto que merece destaque quando abordamos a origem do mundo na mitologia nórdica é a Yggdrasil, a árvore do mundo. Definir Yggdrasil como uma localidade pode soar de forma contraditória, já que ela não está situada em nenhum lugar, mas todos os lugares estão situados nela. Pode ser comparada, de maneira rude, a um sistema planetário, sendo a representação do cosmos, uma vez que ao longo de seu tronco estão situados os nove mundos da cosmologia nórdica.

---

<sup>4</sup> “Durante o século XIX, os primeiros estudos sobre a religiosidade nórdica antiga denominavam essa prática de “fé dos ases” ou “religião dos ases”, que mais tarde originou o termo moderno Asatru” (LANGER, Johnni, A Religião Nórdica Antiga: conceitos e métodos de pesquisa, REVER · Ano 16 · Nº 02 · Mai/Ago. 2016 P.120)

<sup>5</sup> Em relação à classificação dos deuses nórdicos, eles estão classificados em duas classes distintas os Aesir (Ases, Asses) e os Vanir (Vanes), nesse trabalho o foco está nos Aesir que compõem o panteão principal na mitologia nórdica.

<sup>6</sup> Optei por utilizar as citações retiradas da Edda em Prosa com a grafia em itálico.

Nos textos, Edda Poética e Edda em Prosa, não é explicado qual foi a origem da árvore Yggdrasil. Assim como os mundos primevos de Muspelheim e de Niflheim ela sempre existiu estando presente de maneira inseparável do conceito de gênese da existência para os povos nórdicos.

A árvore sagrada nórdica, não cumpre apenas a função de sustentar os mundos. Segundo ELIADE, a árvore Yggdrasil representa o próprio "(...) cosmos vivo, regenerando-se incessantemente. Sendo a vida inesgotável um equivalente da imortalidade, a árvore-cosmos pode, por isso, tornar-se, em outro nível, a árvore da "vida-sem-morte" (ELIADE, Mircea, 1993 p.215).

Outro ponto relevante, é que no mito cosmogônico nórdico, assim como no mito judaico cristão e dentre várias outras culturas, é apresentado um conceito de vazio total, um vácuo que seria a forma como era o mundo antes de tudo, ou melhor, quando o mundo não era o mundo. Essa região onde não havia nada para os nórdicos tinha a representação de um imenso abismo sem fim, chamado, Ginnungagap (Ginnungagape), o grande vazio.

Esse abismo se encontrava entre outras duas regiões que já apresentavam algumas características específicas e uma localização perante a posição ocupada por Ginnungagap no universo não criado

A região que se encontrava ao norte do abismo era uma região fria e nebulosa, tão estéril quanto Ginnungagap, seu nome era Niflheim, região essa que muitas vezes foi associada ao mundo dos mortos. Essa associação é devido à proximidade dos dois mundos, qual seja, Niflheim e o mundo dos mortos, esse último se chama Helheim (Helgardh) para onde seriam mandadas todas as almas dos que morreram por doenças, velhice, ou que não fossem requisitadas por algum deus específico.

Já ao Sul havia outra região que também apresentava características específicas, chamada Múspelheim (Muspell), uma região feita totalmente de chamas. Quando nos deparamos com a descrição sobre essa região somos apresentados ao primeiro ser da mitologia nórdica, um ser feito completamente de fogo, conhecido como Surtr (Surtur dependendo da tradução).

Não é possível identificar a origem de Surtr: como ele surgiu, quem o criou, ou de onde ele veio. Ele simplesmente existia antes de tudo, em constante vigia na porta de Múspelheim, com sua espada flamejante.

De alguma forma, Surtr está ligado com o começo da criação e com o seu fim. Algumas teorias afirmam que os vapores quentes que vinham de Múspelheim partiam dele. E dessa forma ele seria um dos responsáveis pela criação de tudo, e no Ragnarök (representação da escatologia nórdica) seria também o agente por destruir o mundo no final de tudo, queimando o mundo com suas chamas.

Seguindo essa interpretação, Surtr assume um papel de dualidade na mitologia nórdica: o ser responsável por dar início a existência material do mundo e responsável também por destruir o mundo com as suas chamas.

Essas duas regiões estão localizadas ao norte e ao sul de Ginnungagap. A definição da posição ocupada no universo mítico pode ter ocorrido por influência do conhecimento geográfico, obtido pelos povos nórdicos em suas viagens.

Puderam constatar que ao viajarem para o sul a temperatura tendia a aumentar, o oposto ocorria quando viajavam mais ao norte. Com base nessas experiências, quanto mais aos extremos se dirigiam, mais extrema seriam a temperatura, resultando em um lugar completamente quente ao sul e outro completamente frio ao norte, se fundido com o imaginário popular e ganhando a religião.

As regiões que se encontravam em posições opostas no eixo cósmico teriam essas posições justificadas pelas variações de temperatura encontradas no mundo físico habitado pelas pessoas comuns.

Segundo o mito da criação, da região Niflheim começaram a sair em direção a Ginnungagap, ventos gélidos e de Múspelheim um vapor quente. O vento frio e o vapor se encontraram em Ginnungagap e o vazio começou a ser preenchido. O vento gélido ao entrar em contato com o vapor quente começou a formar gotas de água, que caem dentro do abismo.

Essas gotas lá dentro se solidificaram e começaram a dar forma a um ser de proporções colossais. Ymir é como ficou conhecido posteriormente, e ele foi o primeiro ser vivo.

Nessa passagem podemos encontrar uma manifestação hierofânica da água, pois a vida só surge para o universo da cosmologia nórdica quando a água se fez presente identificando dessa forma, a capacidade germinativa da água para gerar vida a partir de si mesma atribuída por Eliade a esse elemento, em seu livro "Tratado de histórias das Religiões".

Surgido a partir das gotas que resultaram do encontro dos ventos frios com o vapor quente, Ymir era um ser antropomorfo de proporções colossais, e pode ser compreendido como o caos primordial. Ele foi também o ser que deu origem a toda uma raça dos gigantes.

Os vapores quentes continuavam a se espalhar por Ginnungagap e fizeram com que Ymir começasse a suar, e do seu suor surgiram os primeiros gigantes, seres fortes e cruéis. Os gigantes são quase sempre representados por aparência rude, possuindo características animais como garras, presas e chifres.

Sendo assim, acabam por representar na cultura nórdica o estado selvagem da criação sendo guiados apenas pelos instintos e desejos, apresentavam grande tendência para a destruição.

Outra criatura que merece destaque no relato cosmogônico nórdico, que também surgiu do encontro dos ventos frios com os vapores quentes, foi uma vaca. Aqui podemos ver um simbolismo clássico presente em diversas culturas em relação à vaca como responsável pela manutenção primária da vida, não como a criadora responsável, mas cumprindo o papel de garantir que a vida consiga se desenvolver até conseguir se manter por si mesma.

Podemos comparar o papel da vaca ao papel de uma ama de leite, que cumpria o papel maternal e depois saía de cena. A vaca nas narrativas mitológicas muitas vezes possui uma função relacionada aos simbolismos da mãe-terra, e nos remete à sacralização da vaca, presente na cultura indiana, reforçando o ponto de vista de alguns autores que defendem uma mesma origem indo-europeia.

Essa vaca mítica se encontra presente somente na Edda em Prosa de Snorri. A vaca ficou conhecida como Audumla (Audhumla), e alimentava lambendo o gelo e também alimentava Ymir e os outros gigantes. De suas tetas escorriam quatro rios de leite. Essa passagem chama atenção por permitir que tracemos um paralelo entre quatro rios de leite que escorriam das tetas de Audumla, com os quatro rios que se encontra na narrativa bíblica no livro do Gênesis, localizados no Paraíso primordial, reforçando a hipótese de influências cristãs no relato nórdico.

Enquanto lambia o gelo, Audumla começou a desenterrar dos blocos de gelo outro ser, e durante três dias ela continuou lambendo até que toda a criatura estivesse descongelada. Porém, diferente das outras criaturas o ser descongelado por Audumla não era um gigante. Podemos identificá-lo como um homem, mas ele era um ser humano apenas como definição de espécie, semelhante à espécie humana que seria criada posteriormente, "seu nome era Buri e ele era belo e forte" (Edda Poética), o que despertou a aversão dos outros gigantes.

Buri teve um filho, mas não podemos encontrar nos textos com quem Buri teria se unido para gerar seu filho ou se seu filho foi descongelado assim como ele. O nome do filho de Buri era Bor.

A essa altura os gigantes que nasceram de Ymir já haviam começado a se multiplicar e povoar Ginnungagap, que já não era um imenso espaço vazio, mas sim, um reino de gelo ocupado pelo corpo de Ymir. Bor, filho de Buri, tomou a filha de um dos gigantes, como sua esposa, Bestla, e dessa união três seres foram gerados, seres que também não eram gigantes.

Os filhos de Bor foram Odin, Villi e Ve. Esses foram os primeiros deuses nórdicos. Snorri no começo de sua Edda em Prosa aponta que os deuses seriam provenientes da antiga Troia, uma teoria um pouco confusa que levanta dúvidas se tal passagem foi mesmo escrita por Snorri.

Buri, Bor e Bestla não são mais mencionados nos Eddas, e em nenhum outro conto ou texto a que tive acesso. Também não era alvo de cultos por parte do povo germano. Seu papel na cosmogonia e na visão de mundo nórdico se resume a trazer à existência dos deuses criadores.

Por algum motivo os três deuses decidiram matar Ymir. Algumas hipóteses são levantadas, primeiramente, que ele impossibilitaria com a sua forma física gigantesca a existência de outras formas de vida, como no mito grego em que Urano impedia que os outros seres viessem a habitar o mundo. Outra hipótese é a de que Ymir era completamente maligno e queria que apenas sua descendência habitasse o universo, assim Ymir, juntamente com os outros gigantes ameaçavam a existência dos três deuses.

No campo das analogias o combate dos deuses contra o gigante primordial pode ser interpretado como um combate entre a razão e a ignorância, um combate entre a ordem e o caos e somente vencendo esse combate o conhecimento, a cultura e as formas de vidas boas poderiam ter paz. Do ponto de vista fenomenológico, Ymir sendo a representação do caos inicial deveria ser destruído para que fosse possível a criação do mundo.

"(...)Os filhos de Bor mataram Ymir o gigante; onde ele caiu, jorrou tanto sangue de suas feridas que com isso se afogou toda a raça dos Gigantes de Gelo, exceto aquele a quem os gigantes chamam de Bergelmir, que escapou com a sua família; ele subiu em seu navio, e sua esposa com ele, e eles estavam seguros ali. E deles surgiu a raça dos Gigantes de Gelo, como é dito.Sturluson. Edda em Prosa: Gylfaginning e Skáldskaparmál (Locais do Kindle 715-717).

Os deuses se uniram e lutaram contra Ymir, e o mataram. O sangue que verteu do corpo de Ymir inundou todo o abismo de Ginnungagap, matando os gigantes. Apenas um casal de gigantes conseguiu sobreviver a esse dilúvio de sangue. Nesse episódio temos a representação de um dilúvio de escala mundial (ainda que no presente caso da mitologia nórdica não havia "um mundo", propriamente dito).

Alguns pontos do mito do dilúvio também podem ser encontradas na narrativa nórdica, como a destruição de seres cuja existência era desagradável aos deuses, que no relato bíblico são as pessoas cruéis e pecadoras (toda a humanidade menos a família de Noé), e que no mito nórdico são os gigantes descendentes de Ymir, inimigos dos deuses.

Outro ponto é a sobrevivência de um casal que permite a continuação do povo ou raça, vítima do dilúvio. Esse episódio encontra representações semelhantes nas mais diversas culturas, como grega, suméria, e até mesmo em algumas tribos da América do Sul.

É difícil afirmar com clareza de onde as mais diversas culturas retiraram a ideia inicial de um dilúvio de proporções mundiais, porém é notável a presença de alguns pontos semelhantes nos vários mitos que apresentam essa história.

A vitória dos deuses sobre os gigantes não seria definitiva. Eles deveriam viver em constante vigilância para não serem atacados pelos gigantes, da mesma forma que as pessoas dotadas de razão e inteligência também deveriam se manter sob constante vigilância para não se tornarem vítimas do caos e da ignorância o mito cosmogônico adaptado à realidade dos povos mortais.

## 2.1 A criação do mundo organizado

"(...)Então disse Thridi: "Eles pegaram seu crânio também, e fizeram dele o céu, e os puseram sobre a terra com quatro cantos, e sob cada canto eles colocaram um anão: os nomes destes são Leste, Oeste, Norte e Sul. Então tomaram as brasas e faíscas que irrompiam de Múspellheim, e as colocaram no meio do Ginnungagap, nos Céus, acima e abaixo, para iluminar o céu e a terra. Eles atribuíram lugares para todos os fogos: alguns no céu, alguns vagavam livres debaixo do céu, no entanto, a estes também deram um lugar e criaram-lhes trajetórias. É dito em canções antigas que, a partir desta data, os dias e os anos foram contados, como é dito no Völuspá:

O sol não sabia  
Onde era seu lugar;  
A lua não sabia  
O poder que possuía;  
As estrelas não sabiam  
Onde ficavam seus lugares.  
Assim era antes de a terra ser feita..."

Sturluson. Edda em Prosa: Gylfaginning e Skáldskaparmál (Locais do Kindle 735-749).

Depois de derrotarem Ymir, os deuses utilizaram o corpo do gigante morto para criar o mundo. Da carne do corpo de Ymir os deuses criaram a terra, dos seus ossos e dentes criaram as rochas, e o sangue de Ymir se tornou o oceano.

Foi do corpo de Ymir que os deuses começaram a povoar o mundo, dando forma e vida a partir dos seus dedos a quatro anões que teriam como função sustentar a abóboda celeste. Esses anões são relacionados aos pontos cardeais (norte, sul, leste, oeste). Da carne de Ymir que os deuses utilizaram para criar a terra começaram a surgir diversos vermes. Os deuses transformaram esses vermes em mais anões, assim como aqueles criados dos dedos de Ymir.

Essa foi origem da raça de anões. Os anões são constantemente citados em vários mitos nórdicos, sendo sempre considerados ótimos artífices e ferreiros, habitando o reino de Svartalfheim.

Do fogo que havia em Muspelheim os deuses retiraram labaredas e as fixaram na abóbada celeste. Essas são as estrelas, a lua e uma faísca mais forte é o sol.

Pode-se reconhecer nessa passagem o papel ordenador desempenhado pelos deuses, uma vez que foram apenas depois seus atos é que os dias e os anos passaram a ser contados, ou seja, eles definiram tanto o fim da homogeneidade espacial, como o fim da temporal. O tempo e espaço se tornaram coisas definidas.

Do cérebro de Ymir os deuses criaram as nuvens. Os cabelos do gigante foram utilizados para dar origem às florestas, e com suas sobranceiras os deuses cercaram uma região e decidiram que lá seria sua morada. Asgard seria seu nome, e só os deuses deveriam ter acesso a esse lugar.

Em relação à Asgard temos um fato que merece destaque, que é a forma de se chegar a tal lugar. Para evitar que outros seres pudessem ter acesso à morada dos deuses eles construíram uma ponte até o local, porém essa não era uma ponte comum. A ponte que se usava para chegar até Asgard era um arco-íris

Essa ponte é citada na seguinte passagem da Edda em Prosa:

“(…)Então disse Gangleri: “Qual é o caminho para os Céus a partir da Terra?” Então Hárr respondeu rindo em voz alta: “Agora, isso não foi uma sábia pergunta; já não foi dito a você que os deuses fizeram uma ponte da Terra aos Céus, chamada Bifröst? Você já deve tê-la visto, mas pode ser que vocês a chamem de arco-íris.”. Sturluson. Edda em Prosa: Gylfaginning e Skáldskaparmál (Locais do Kindle 858-861).

O arco-íris pode ser entendido como uma epifania celeste, simbolizava a ligação de Midgard com Asgard, ou seja, da terra com o céu. O arco-íris simbolizava a ligação dos deuses para com os humanos. Significados parecidos podem ser encontrados na passagem bíblica do dilúvio, em que Deus utiliza o arco-íris como um meio de sinalizar uma aliança entre ele e a humanidade, “Coloquei meu arco-íris nas nuvens e ele serviria de sinal de aliança entre mim e a terra”<sup>7</sup>.

Da mesma forma que nas escrituras bíblicas, o arco-íris simbolizava a aliança e a ligação de Deus para com os homens, na mitologia nórdica ele também simbolizava essa ligação, uma ligação que não tinha um caráter tão paternalista quanto na ligação bíblica, mas simbolizava que havia deuses a zelar pela terra, deuses de quem eles deveriam conquistar as graças e a admiração. Eliade sintetiza o papel de Bifröst e de todos os outros portais que ligam a terra aos céus:

“(…) Nós níveis mais arcaicos de cultura, essa possibilidade de transcendência exprime-se pelas diferentes imagens de uma abertura: lá, no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses; conseqüentemente deve existir uma “porta” para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu.(…)”(ELIADE,1992, p.19).

Por ser uma hierofania de base celeste, Bifröst possui inúmeros significados, pois seu simbolismo pode ser considerado intemporal sendo aplicável a todos os conjuntos religiosos.

A partir desse relato podemos constatar um fato interessante a respeito dos deuses e da cosmogonia nórdica: o mundo não foi criado a partir do nada como no relato bíblico da criação, em que um Deus onipotente criou o mundo a partir do nada, apenas com a sua própria vontade. Para que o mundo ordenado nórdico tivesse origem foi necessário um sacrifício inicial.

A morte de um ser primordial foi necessária para a criação do mundo, não apenas para que a vida pudesse habitar o mundo, mas como no caso da mitologia nórdica para dar forma ao mundo em si.

## 2.2 A criação da humanidade

“(…)Quando os filhos de Borr estavam caminhando ao longo da costa do mar, eles encontraram duas árvores, e tomaram-nas e moldaram homens delas: o primeiro filho deu-lhes espírito e vida, o segundo, inteligência e sentimento, o terceiro, forma, fala, audição e visão. Deram-lhes roupas e nomes: o macho foi chamado Askr e a fêmea Embla, e deles era nascida a raça dos homens, que receberam uma morada em Midgard.(…)”.Sturluson. Edda em Prosa: Gylfaginning e Skáldskaparmál (Locais do Kindle 771-777).

Enquanto caminhavam pela margem do grande oceano os três deuses Odin, Vili e Ve encontram dois troncos que foram trazidos até a praia. A partir desses troncos os deuses dariam forma e vida ao primeiro casal humano.

Odin soprou nos troncos a respiração fazendo com que eles ganhassem vida, Vili concedeu aos troncos a inteligência e os sentimentos e Vê esculpiu os troncos dando a eles a forma humana e deu aos humanos a

---

<sup>7</sup> Gênesis 9,13.



visão e os outros sentidos. Esses troncos foram o primeiro homem chamado, Ask, e a primeira mulher chamada, Embla.

Os troncos que os deuses utilizaram para dar forma aos seres humanos provinham de árvores diferentes. A partir desse fato podemos traçar um paralelo a respeito dos dois seres e de suas relações na sociedade da época.

Régis Boyer formula a natureza desses troncos a partir dos significados dos nomes de Ask e Embla. Em relação à Ask, ele usa o significado relativo ao termo Askr como encontrado no texto original de Snorri e atribui seu significado a freixo e no caso de Embla a árvore seria a videira.

John Lindow considera que o termo Olmo seria mais próximo do significado original para Embla, seguindo a primeira linha de interpretação adotada por Boyer, H. Sperber relacionou o termo Embla com o Âmpeles do grego que faz alusão ao vinho. Essa versão adotada por Sperber relaciona os termos com antigos rituais indo-germânicos relacionados ao fogo e ao sexo.

Outra versão é a do pesquisador Henning Kure, que relaciona os termos com os órgãos sexuais masculino e feminino, respectivamente<sup>8</sup>. Kure justifica sua teoria interpretando outra passagem das Eddas<sup>9</sup> em conjunto com a passagem da criação de Ask e Embla. Sua teoria é um tanto confusa, porém merece destaque

Kure associa Ask (Askr) à árvore de Yggdrasil. Justificando essa analogia, afirmando que no texto original a palavra utilizada para se referir à árvore seria Askre, segundo essa analogia uma vez que Askr seria Yggdrasil o poço de Urd (Utrth) em que estão localizadas algumas raízes da árvore seria o equivalente a Embla, o elemento água como equivalente ao feminino, logo o tronco ereto da árvore seria associado ao elemento fálico (pênis) e o poço seria a representação do órgão feminino (vagina e útero). Esse modelo proposto por Kure interpreta a criação de Ask e Embla a partir de uma manifestação hierogâmica<sup>10</sup>.

Também na obra de Mircea Eliade, encontramos a associação de Ask com a árvore cósmica de Yggdrasil: "Askr evoca o freixo cósmico" (ELIADE, 2011, p.142).

Outra tentativa de interpretar o mito da criação de Ask e Embla foi através de comparações com o próprio cristianismo e a passagem da criação de Adão e Eva. Essa interpretação tem como base a influência do cristianismo, a que esses textos foram expostos.

Essa influência é clara no caso da Edda em Prosa. Já no caso das Eddas Poéticas não podemos afirmar, mas também não se pode ignorar o fato de que essas obras foram ouvidas e compiladas por monges cristãos, o que pode ser usado para reforçar a teoria que afirma que o relato de Ask e Embla foi criado tendo como modelo a passagem bíblica da criação de Adão e Eva.

Cumprindo seu papel cíclico, o mito antropogônico se repete. Após o Ragnarök, o desfecho escatológico da mitologia nórdica, um casal humano sobrevive e cabe a eles garantir a continuidade da humanidade. Esse acontecimento pode ser encarado como a repetição do mito primordial. Os sobreviventes do Ragnarök chamam-se Lif e Lifthrasir, e sobrevivem à destruição final, protegidos na carcaça de Yggdrasil. E mais uma vez a árvore dando origem à humanidade como um todo, proporcionando vida ao casal inicial, para que eles possam povoar o mundo.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religião nórdica como prática e adoração aos deuses por parte dos antigos povos nórdicos chegou ao fim no século XI, tendo como causa a cristianização desses povos. Restando para aqueles que desejam estudar essa religião, apenas as Eddas e alguns poemas heróicos

Os mitos que compõem a religião nórdica são de uma complexidade incrível, abrindo margens para uma variedade de interpretações. Em relação às contradições encontradas no texto, podem ser entendidas como as diferentes visões que diversos povos que seguiam a religião nórdica tinham de um mesmo mito. Porém, a essência do conhecimento que os antigos povos tentavam transmitir é a mesma.

---

<sup>8</sup>LANGER, Johnni (2015-11-16). Dicionário de mitologia nórdica: Símbolos, mitos e ritos (Locais do Kindle 672-673). Hedra. Edição do Kindle.

<sup>9</sup>19"Uma cinza eu sei, Yggdrasil seu nome

Uma árvore alta, folhas com água límpida:

Daí vem o orvalho que caem nos vales

Sempre crescendo bom verde sobre a fonte de Urth"(A Edda Poética. Völuspá, estrofe 19)

<sup>10</sup>Hultgård, Anders. 2006. O Mito Askr e Embla em uma perspectiva comparativa. Na Religião dos Nórdicos Antigos em Perspectivas de Longo Prazo: Origens, Mudanças e Interações. P. 59-60.

Depois de analisar e ver as diferentes versões do relato cosmogônico nórdico é possível reafirmar a declaração feita na introdução deste trabalho, de que as Eddas são as fontes mais importantes de material disponível para se estudar a mitologia nórdica. Uma verdadeira Bíblia da mitologia nórdica.

É também inegável a presença de influências cristãs nesses textos, principalmente na Edda em prosa de Snorri Sturluson, porém, indo na contramão podemos ver que a religião nórdica não é tão teológica quanto o cristianismo, uma vez que era uma religião prática, em que as histórias eram transmitidas de forma oral, e por esse fato não estão formuladas de modo a aguentarem as críticas ferozes de pessoas que visam encontrar passagens contraditórias nas Eddas.

As diferentes interpretações estão atreladas as manifestações de um mesmo sagrado, podendo-se enxergar nos mitos, a forma como os antigos povos nórdicos compreendiam a realidade e até mesmo enriquecer sua própria visão de mundo com tais textos.

A religião nórdica não deve ser relegada apenas a contos infantis e personagens de filmes, pois possui diversos pontos relevantes, para a ciência da religião como todo, e outras disciplinas como: história e a antropologia, também podem se beneficiar do estudo desta religião.

## REFERÊNCIAS

LANGER, Johnni, **A Religião Nórdica Antiga: conceitos e métodos de pesquisa**, REVER · Ano 16 · Nº 02 · Mai/Ago. 2016.

LANGER, Johnni, **Dicionário de mitologia nórdica: Símbolos, mitos e ritos**, Hedra, 2015.

ELIADE, Mircea, **O Sagrado e o Profano**, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1992.

ELIADE, Mircea, **Tratado de História das Religiões**, São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda., 1993.

ELIADE, Mircea, **História das crenças e das ideias religiosas**: vol.2: De Gautama Buda ao triunfo do cristianismo, Zahar, 2011.

STURLUSON, Snorri. **Edda em Prosa: Gylfaginning e Skáldskaparmál**, Createspace Pub .Edição do Kindle. 2014

**Manuscrito GKS 2365 4to**, Instituto ÁrniMagnússon, Reiquiavique, Islândia.

HULTGARD, Anders. **O Mito Askr e Embla em uma perspectiva comparativa**, 2006, p. 59-60.

WEOR, Samael, **O Matrimônio Perfeito**, 1950, Editora Samael Aun Weor (EDISAW).

FUNARI, P.P.A. (Org). **As religiões que o mundo esqueceu. Como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses**. São Paulo: Contexto, 2009,